

JUN 2024 · 02

O COMUNISMO



"QUE AS CLASSES DOMINANTES TREMAM DIANTE DA IDEIA DA REVOLUÇÃO COMUNISTA!" (MARX & ENGELS)

BARBÁRIE SEM FIM

INTERROMPER O GENOCÍDIO DO ESTADO DE ISRAEL
E DESTRUIR O CAPITALISMO QUE GERA GUERRAS E CATÁSTROFES



Solidário: **R\$ 10**
Mínimo: R\$ 5





A tragédia gaúcha e a responsabilidade dos capitalistas

REDAÇÃO

Noticiários, reportagens e conversas cotidianas qualificam o que atravessa o Rio Grande do Sul como uma tragédia. Escolha interessante de palavras. A tragédia clássica faz referência a um gênero teatral, tendo, como características, uma história, um protagonista e um coro que avalia as ações do protagonista.

A tragédia gaúcha apresentou graves antecedentes em junho, setembro e outubro de 2023. Nesses episódios, 75 pessoas perderam as vidas na região. Era uma antecipação do atual cenário com números que sobem dia a dia.

A situação atual, entretanto, está longe de poder ser considerada um incidente natural e, muito menos, imprevisível.

“O comportamento das chuvas mudou. Eu tenho feito um levantamento e já percebi que de 2013 pra frente nós temos um acumulado de precipitação [chuvas] no mês de mais de 300 mm. A minha pergunta é: o que nós, por exemplo, na Defesa Civil, temos programado para prever essas possibilidades? Em algum momento, vamos começar a ver [inundações] em áreas em que a água não chegava com tanta frequência e vamos lembrar disso que estamos falando aqui.”

Essa foi a “profecia” de Marcelo Dutra da Silva, doutor em ciências e professor de Ecologia na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), durante uma audiência pública da

Câmara Municipal da cidade de Pelotas, em junho de 2022.

Há inúmeros casos semelhantes. Desde 2015 já se apontava a ineficiência do sistema porto-alegrense contra cheias no Plano Municipal de Saneamento. Em 2018, novo aviso dado por um parecer técnico de funcionários municipais. Já em 2023 engenheiros do Departamento Municipal de Água e Esgotos (DMAE) alertaram sobre a “necessidade urgente” de manutenção.

Acontece que alertas como esses contrariam as motivações políticas dos governantes de Pelotas, da capital Porto Alegre, do Estado do Rio Grande do Sul e do próprio Governo Federal.

O relatório de 2015 “Brasil 2040”, produzido por pesquisadores a pedido da gestão de Dilma Rousseff, já indicava chuvas intensas no Sul do Brasil em decorrência das mudanças climáticas. Além disso, apontava a importância de sistemas de alerta e propunha uma



LEIA TAMBÉM

O que fazer diante das chuvas no Rio Grande do Sul

série de medidas e o estabelecimento de planos de contingência.

Acontece que o estudo também trazia outras conclusões. Previam-se ondas de calor, falta d’água no Sudeste e piora das secas no Nordeste. E assim a ciência cometeu, mais uma vez, o pecado de chegar a conclusões incômodas para o poder constituído. Nesse caso, colocava-se em xeque, por exemplo, a menina dos olhos dos petistas de então: a usina de Belo Monte.

Resultado: demissão da equipe, arquivamento do estudo e dança das cadeiras ministeriais.

Essa tem sido a dinâmica dos governos capitalistas, independente da coloração. Sua impotência deriva de seu compromisso com a manutenção da propriedade privada dos meios de produção e com os burgueses que a possuem.

Uma política radical no âmbito climático e ambiental precisa reconhecer que foi a classe dominante e seu modelo de sociedade que levaram a humanidade à atual situação. Foi a anarquia capitalista e a relação disfuncional do seu modo de produção com a natureza que levaram a situação a um ponto em que os eventos extremos estão ficando mais frequentes.

A incapacidade dos capitalistas resolverem a situação fica evidente na disputa de protagonismo entre o governo Lula e a gestão estadual de Eduardo Leite. Ambos mantêm intocada a propriedade privada dos meios de produção. Não importa a magnitude das necessidades da população gaúcha, em primeiro lugar vem sempre o interesse mesquinho do lucro.

A tragédia gaúcha proporciona a oportunidade de avaliar a atividade dos capitalistas e de seus governos. A conclusão da análise sobre os acontecimentos apenas pode ser a condenação desses protagonistas. A lição a ser aprendida é de que é necessário um programa radical para enfrentar a classe dominante e sua política que semeia destruição no planeta. Um programa que seja claro em dizer que para salvar o planeta é necessário destruir o capitalismo e começar o caminho para o comunismo aqui e agora.

EXPEDIENTE	ÓRGÃO DO COMITÊ CENTRAL DA ORGANIZAÇÃO COMUNISTA INTERNACIONALISTA (OCI) – SEÇÃO BRASILEIRA DA CORRENTE MARXISTA INTERNACIONAL (CMI)				
	Instagram: @jornal_o_comunismo	Site: marxismo.org.br	Contato: jornal@marxismo.org.br		
	Diretor de Publicação: Serge Goulart	Jonathan Vitorio	Evandro Colzani, Johannes Halter, Lucy Dias,	Equipe: Aline Seitenfus, Francine Hellmann,	Rannah Brasil
	Editor: Johannes Halter	Capa: Evandro Colzani	Luiz Bicalho, Maritania	Mara Tavares, Michelle de Sousa Vasconcellos,	Jornalista Responsável: Rafael Prata
Diagramação:	Alex Minoru, Caio Dezorzi,	Camargo, Serge Goulart		MTB nº 40040/SP	

O governo de união nacional e a radicalização social nas bases



CONFIRA
Rio Grande do Sul
debaixo d'água: os
governos sabem o
que estão fazendo?

EDITORIAL

Pesquisas recentes, realizadas por diferentes institutos, indicam uma tendência de queda na popularidade do governo Lula-Alckmin. Prestes a completar um ano e meio de mandato, o novo governo não resolveu os problemas fundamentais da classe trabalhadora, pelo contrário.

Os ataques aprovados durante os governos de Temer e Bolsonaro, como as contrarreformas trabalhista e da previdência, continuam em vigor e sem nenhuma perspectiva de serem revogadas. O Novo Ensino Médio (NEM), mesmo após a consulta pública e as modificações aprovadas no Congresso (na realidade, manobras para conter as mobilizações estudantis), está mantido com ataques centrais à educação pública. O teto de gastos foi substituído por um novo teto, o arcabouço fiscal.

A submissão do governo de união nacional ao capital

financeiro, ao imperialismo, se traduz no religioso pagamento de juros e amortizações da dívida interna e externa, cujos credores são, centralmente, bancos, fundos de investimento e especuladores. Em 2023, juros e amortizações da dívida consumiram 43,23% do orçamento federal executado.

Como parte das metas do arcabouço fiscal, em abril o governo anunciou um corte de R\$ 4 bilhões no orçamento de 2024, impactando investimentos em saúde e educação, como o programa Farmácia Popular, verbas para permanência estudantil e bolsas de pesquisa. Para saúde e educação, aliás, o Ministério da Fazenda de Haddad tem feito estudos para flexibilizar o piso constitucional, o que pode significar uma redução de R\$ 500 bilhões nas verbas originalmente previstas, e já insuficientes, para estas duas áreas em nove anos.

Enquanto isso, uma epidemia de dengue se alastra pelo país com mais de 5 milhões de casos prováveis e quase 3 mil mortes. Sendo que menos de 3 milhões de doses da vacina foram distribuídas pelo Ministério da Saúde e faltam testes em postos de saúde, hospitais etc., e medidas efetivas para conter a disseminação do vírus.

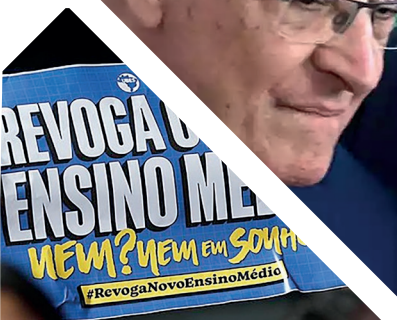
Já a tragédia no Rio Grande do Sul, além de ser uma das consequências das mudanças climáticas, fruto da exploração predatória da natureza pelo capital, é também responsabilidade dos governos (de todos) que não realizaram investimentos em infraestrutura e medidas para prevenção

dos alagamentos. Estes governos devem ser cobrados por todas as medidas emergenciais em prol das vítimas e por fornecer todos os recursos necessários para que reconstituam suas casas e suas vidas.

A alta do preço de alimentos impacta a classe trabalhadora. A precarização das condições de trabalho se aprofunda. Prosseguem as privatizações. A insatisfação na base com toda esta situação só não se converte em uma explosão de luta de massas por conta das direções conciliadoras, de sindicatos e dos partidos que reivindicam a classe trabalhadora (PT, PCdoB, PSOL etc.), que seguidamente traem e bloqueiam as mobilizações, e se recusam a construir uma alternativa independente da burguesia e seus governos.

Porém, este bloqueio das direções não é eterno nem absoluto. Temos visto um crescimento de greves, em particular de professores e servidores, em alguns casos com as bases entrando em choque com as direções sindicais. Professores e servidores de universidades e institutos federais realizam greve há meses, enfrentando a intransigência do governo Lula-Alckmin em atender suas reivindicações. O movimento Vida Além do Trabalho (VAT) ultrapassou 1 milhão de assinaturas no abaixo-assinado contra a escala 6x1. A juventude se atrai pelo comunismo, como expresso no êxito de nossa campanha “Você é Comunista?”. Essas são expressões da crescente radicalização na base.

A tarefa dos revolucionários comunistas nessa situação é a construção de uma sólida organização revolucionária, fundamentada na teoria e agindo na luta de classes, capaz de ser um fator para a construção de um partido comunista revolucionário com influência de massas. Essa é a tarefa da OCI no Brasil hoje, assim como é a da CMI, com o lançamento da Internacional Comunista Revolucionária, um passo no sentido da reconstrução de uma Internacional Comunista de massas digna desse nome.



Capitalismo verde, futuro tenebroso



CONFIRA

Carta aberta à população do RS: o povo trabalhador e pobre não pode pagar pela crise das enchentes

“Uma pessoa podia continuar com as terras enquanto elas lhe davam de comer (...). Mas, olha, um banco ou uma companhia não pode viver assim, porque estas criaturas não respiram ar, nem comem carne. Elas respiram lucros e alimentam-se de juros. Se não conseguirem estas coisas, elas morrem, como vocês morreriam sem ar e sem carne.”
(Steinbeck, As vinhas da ira)

FELIPE LIBÓRIO

Em 1º de janeiro de 2023 foi criada a Secretaria Nacional de Bioeconomia, órgão que teria como responsabilidade articular junto aos setores público e empresarial a exploração dos recursos ambientais brasileiros. Embora o conceito possa parecer novo, bioeconomia se refere a nada mais que a produção industrial baseada em recursos biológicos.

Hoje a produção desses recursos depende da extração realizada por comunidades tradicionais que se organizam em cooperativas e vendem seus produtos a preços mínimos determinados pelo mercado internacional. As indústrias, por sua vez, utilizam tais insumos para produzir remédios e cosméticos com alto valor agregado.

A ideia de que o capitalismo verde, ou qualquer outro nome com o qual possa se apresentar, pode conter a destruição do planeta sem uma mudança total do sistema é mais uma mentira do próprio sistema.

O conceito, no entanto, mobilizou 10 ministérios, levando até mesmo o da Fazenda a produzir um Plano de Transformação Ecológica em que se destaca o eixo “Bioeconomia e Sistemas Agroalimentares”, que visa à “exploração sustentável de biomas a partir de investimentos em pesquisa e desenvolvimento”.

Como revolucionários e comunistas, a pergunta

que devemos fazer é: é possível um capitalismo que não destrua o planeta?

Origens do capitalismo verde

Em 1968, Garret Hardin publicou o artigo “A tragédia do comuns”, em que defende que o crescimento populacional levaria à destruição dos bens comuns (terra, água, atmosfera etc.) e precisaria ser controlado.

As ideias de Hardin são as do ambientalismo liberal, de que existe “gente demais no planeta” e por isso os recursos naturais estão se esgotando. Combinado ao “antropoceno”, o resultado é um pessimismo individualista que não aponta para a verdadeira causa do problema. Na verdade, Hardin era um defensor do sistema que propunha a privatização de parques nacionais como forma de protegê-los.

Em 1982, um colaborador de Hardin chamado John Baden fundou o Centro de Pesquisa da Propriedade e do Meio-ambiente. Em seu site oficial, a instituição diz acreditar que “colocar o mercado para trabalhar pela conservação costuma ser mais eficiente, efetivo e colabo-

rativo do que regulações governamentais, interferências políticas e ações judiciais”.

Hoje uma das principais manifestações dessas ideias é o mercado de créditos de carbono, sistema de especulação que permite a grandes empresas poluir livremente enquanto “compensam” pagando por áreas privadas de floresta em outras partes do planeta.

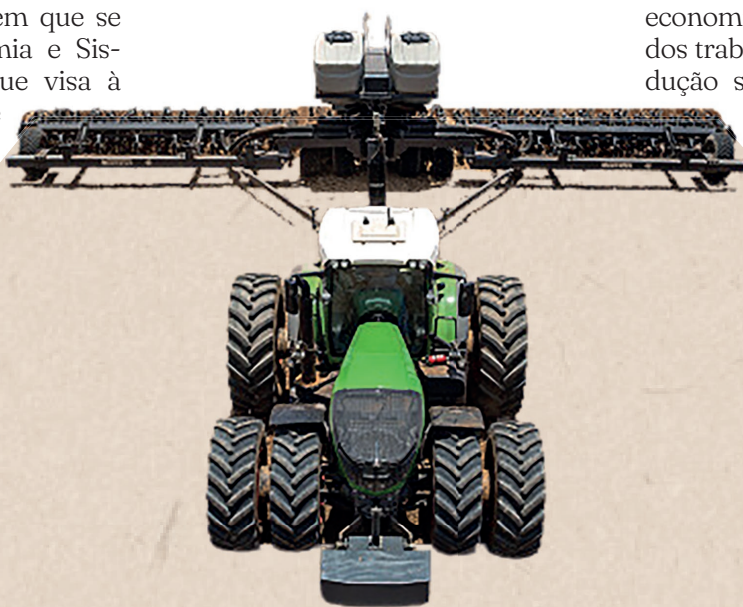
O problema é a humanidade?

Um estudo realizado pelo Laboratório Mundial da Desigualdade revelou que, globalmente, os 10% mais ricos emitem 48% do gás carbônico, enquanto os 50% mais pobres emitem cerca de 12%. Já o 1% mais rico é responsável sozinho por 17% de todas as emissões.

Outra pesquisa, da CDP, mostra que 100 empresas de combustíveis fósseis emitem 71% do gás carbônico industrial. Outro estudo, do Instituto de Responsabilidade Climática, aponta que 20 empresas foram responsáveis por um terço de todas as emissões desde 1965.

Essas empresas têm donos, são financiadas por bancos e fundos de investimentos, possuem acionistas e cultivam laços estreitos com os governos. Como um camaleão, o capitalismo às vezes pode mudar de cor, mas sua verdadeira forma segue a de um monstro que devora tudo o que encontra pela frente para produzir lucro.

A solução se encontra naquilo que o sistema não é capaz de oferecer: uma economia planificada sob controle dos trabalhadores em que toda a produção seja organizada conforme as necessidades humanas e não do lucro e toda a ciência seja destinada a garantir o uso adequado dos recursos naturais e a manutenção da vida no planeta.



Ecosocialismo ou comunismo?

CHICO AVIZ

Em 1930, no Vale de Meuse, na Bélgica, 60 pessoas morreram devido à poluição atmosférica. Em 1952, em Londres, foram 4 mil mortos pela degradação do ar com a “Névoa Matadora”. Em 1956, na Baía de Minamata, no Japão, a contaminação da água contabilizou 107 mortes oficiais e 3 mil pessoas afetadas. A história ambiental destaca esses eventos como algumas das primeiras tragédias climáticas, reflexos da industrialização capitalista, que causaram intensos debates entre governos e intelectuais.

Tal contexto gerou a obra “Primavera Silenciosa” (1969), da ecologista Rachel Carson, denunciando o aumento do uso de compostos químicos no pós-guerra e em defesa da proibição do uso de defensivos agrícolas. Esse livro e as discussões da temática ambiental no período impulsionam nas fileiras da esquerda acadêmica “formulações socialistas” que visavam combater o “produtivismo” e a “indústria”, tanto capitalista quanto soviética.

Com o anseio de responder às questões ambientais, os pensadores Michael Lowy e Joel Kovel apresentaram, em 2001, em Vincennes, próximo a Paris, o “Manifesto Ecosocialista”, prometendo uma espécie de atualização do marxismo.

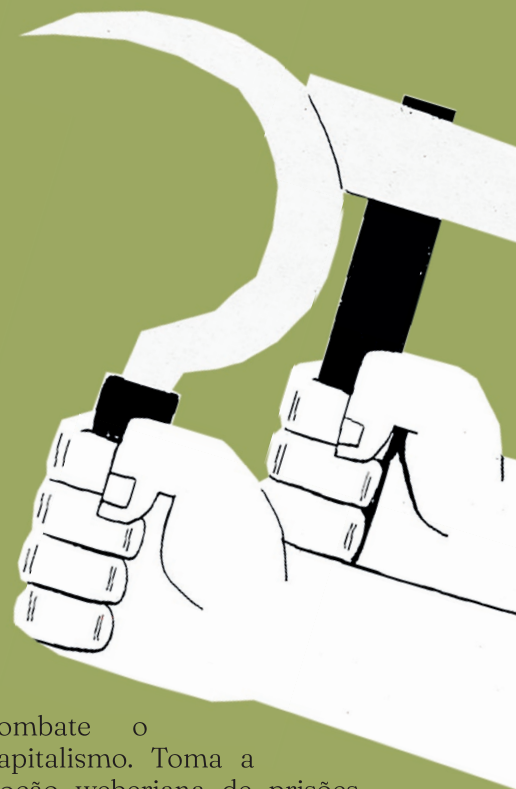
Neste documento seminal, e nas seguintes produções ecosocialistas, os comunistas se deparam com uma fraseologia revolucionária, dotada de um ecletismo entre marxismo, weberianismo de esquerda, pessimismo e crítica idealista às concepções desenvolvimentistas do norte global.

Diante disso, precisamos caracterizar o ecosocialismo como socialismo reacionário pequeno-burguês, visto que se assemelha a tais tendências descritas por Marx e Engels no Manifesto do Partido Comunista de 1848. Mas por quê?

A solução determinada pelos ecosocialistas pretende girar a roda da história para trás, pois propõe como saída para as catástrofes climáticas geradas pelas forças destrutivas do capitalismo a chamada transformação qualitativa da economia, o termo utilizado para defender que o socialismo não deve desenvolver as forças produtivas da humanidade. Para eles, a nova sociedade deveria apenas compartilhar a riqueza e os meios produtivos findando o ímpeto produtivista industrial, uma posição reacionária. Defendem, então, a política burguesa das cooperativas, que transforma o proletário em “trabalhador-patrão”, e, para o campo, a produção agrofamiliar, mantenedora da pequena propriedade. Também reivindicam a concepção filosófico-religiosa da “Mãe Terra”, oriunda das populações nativas, que histórica e materialmente foi aniquilada, integrada e impossibilitada pelo domínio colonialista do século 16 e, atualmente, pelo imperialismo.

Compreendemos que o conceito de ecosocialismo é distributivista e anticomunista, efetivamente sendo avesso ao poder e controle proletário da produção. Filosoficamente é eclética e estéril em sua crítica à modernidade capitalista, pois busca integrar ideias marxistas com a teoria da jaula de aço de Max Weber.

Este fragmento do pensamento liberal, por exemplo, conduz a uma crítica individualista do que Weber chama de sociedade petrificada, promovida pela burocracia do Estado burguês, destruidora das liberdades humanas. Essa não é uma teoria que



combate o capitalismo. Toma a noção weberiana de prisões capitalistas, de restrições às liberdades individuais humanas, como uma responsabilidade geral da sociedade, e não da classe dominante e seu modo de produção tal qual existe.

A resposta revisionista do marxismo autointitulada ecosocialismo não serve como saída para a destruição das condições de vida na Terra. Para que toda a tecnologia, indústria e produção necessárias sejam realizadas em qualidade, excelência e harmonia é necessária a revolução comunista internacional. Ela é necessária para voltar a desenvolver as forças produtivas sob uma economia planejada, controlada pelos próprios produtores da riqueza, onde as condições materiais permitirão a construção madura e plena de todas as potencialidades humanas e o curso existencial da natureza.



CONHEÇA
Teses da Corrente Marxista
Internacional (CMI) sobre
a crise climática





SAIBA MAIS

Como os militantes da CMI intervêm no movimento de solidariedade com a Palestina

ADAM GRAY

Acampamentos indicam caminho da luta para interromper genocídio dos palestinos

MARCOS ANDRADE E ISABELA JESUS SANTOS

No dia 9 de maio dezenas de barracas foram montadas no pátio do prédio de História e Geografia da FFLCH (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas), na Universidade de São Paulo (USP), marcando o início do primeiro acampamento brasileiro em solidariedade ao povo palestino.

Inspirado pelas mobilizações que tomaram conta dos campi de diversas universidades estadunidenses e canadenses, o movimento estudantil da USP também buscou demonstrar seu apoio internacional aos milhares de palestinos vítimas de um verdadeiro genocídio operado pelo Estado de Israel na região da Palestina desde outubro.

O fato é que, com o acampamento realizado na USP, os estudantes brasileiros se inseriram em uma luta internacional que não só denuncia os horrores que os palestinos sofrem diariamente, mas que também escancara as contradições do próprio capitalismo enquanto sistema que sustenta e promove esse conflito. A onda de manifestações em defesa da Palestina ao redor do globo são o resultado de uma juventude cada vez mais radicalizada e disposta a derrubar um sistema que não tem mais nada a oferecer.

Acampamentos ao redor do mundo

Essa nova onda de atos pró-Palestina sinaliza a revolta da juventude a

nível mundial, que está insatisfeita com a falta de perspectivas que esse sistema oferece. As demonstrações de barbárie escancaradas pelo massacre contra os palestinos levantaram um importante movimento de solidariedade que não tem fronteiras.

Nos EUA, os jovens tiram o véu hipócrita do país da democracia com as mais de 2 mil pessoas presas em acampamentos universitários. É proibido protestar no modelo ideal da democracia burguesa. Canadá, França, Inglaterra, Espanha e Austrália também fizeram acampamentos. Mas o que esses jovens reivindicavam? Exigiam, em primeiro lugar, que suas próprias universidades rompessem com empresas que tinham relações com o massacre dos palestinos e com todo o convênio com o governo de Israel.

Os convênios com o Estado de Israel, como o convênio com empresas diretamente envolvidas no massacre na região da Palestina, por parte das universidades, são reflexos dos convênios que os próprios governos fazem com Israel. Aqui no Brasil, enquanto Lula compara as ações de Israel com o Holocausto, o Exército Brasileiro financia o massacre palestino com a compra de R\$ 1 bilhão em blindados da empresa Elbit Systems, envolvida diretamente no massacre, sem contar os acordos permanentes.

Se por um lado somos radicalmente contra esses convênios, não nos opusemos aos convênios que

representam apenas o intercâmbio científico entre as universidades, esses que não representam a produção científica bélica nem a de legitimação ideológica. Pois diferenciamos o Estado de Israel e sua população, sua classe trabalhadora e sua intelectualidade, que vive lá. Esses que muitas vezes se opõem ao sionismo e da qual queremos disputar para uma luta pró-Palestina e nada tem que ver com o Estado de Israel.

A necessidade de expandir aos trabalhadores

Se por um lado a juventude demonstra solidariedade em nível internacional, isso não ocorre na classe trabalhadora, dado que os sindicatos fingem não saber do massacre em curso. As direções sindicais encolhem-se em suas pautas cotidianas e fecham os olhos para a barbárie. O massacre dos palestinos é reflexo da crise no capitalismo, resultado do joguete imperialista, mesma crise que reduz o salário dos trabalhadores em cada categoria, que engorda as filas de desemprego e retira dinheiro dos serviços públicos.

A juventude já entendeu essa relação internacional. Se os sindicatos não discutem isso com os trabalhadores, nós discutimos. É necessário unir a luta de todos os trabalhadores no mundo inteiro, prestar solidariedade internacional ao povo palestino e fazer parar o genocídio em curso contra os palestinos.

Genocídio palestino: as ilusões capitalistas e a necessária solução dos trabalhadores

JOHANNES HALTER

As imagens do ataque das Forças de Defesa de Israel (FDI) sobre Rafah guardam uma semelhança assombrosa com as figuras imortalizadas por Pablo Picasso em sua obra “Guernica”. 87 anos depois, somos obrigados a compartilhar o mesmo misto de horror e perplexidade que o artista sentiu e que tanto impactou.

No caso de Picasso, seu tema central veio do bombardeio contra a cidadezinha de Guernica, no País Basco, em 26 de abril de 1937. O responsável foi ninguém mais ninguém menos que Adolf Hitler, que mostrou ao mundo o poder de destruição da Luftwaffe alemã. Tudo perfeitamente “justificado” pelo apoio ao general Franco durante a Guerra Civil Espanhola.

Benjamin Netanyahu e as FDI promovem hoje sua própria tradição de genocídio contra alvos não militares, sempre com “justificativas” para sua brutalidade. Assim como na época do massacre de Guernica, o massacre dos palestinos conta com a cumplicidade e com a condescendência da dita comunidade internacional, quer dizer, dos governos capitalistas do mundo.

O hall de cúmplices inclui os EUA, a Inglaterra, a França, a Espanha e a Suécia, que financiaram e armaram o Estado de Israel por décadas e deram apoio incondicional ao regime sionista. Já os condescendentes são como a África do Sul, que colocou suas esperanças na denúncia no Tribunal Penal Internacional da ONU. Os limites dessa política são evidenciados pelos próprios governos que se recusam a respeitar suas leis internacionais.

Outro caso de condescendência é o do Brasil. Foram necessários cinco meses



CONFIRA

“Rafah está queimando”: civis massacrados pelos bombardeios das FDI ao campo de refugiados

para em fevereiro Lula chamar as coisas pelo seu nome. Teve de ocorrer o episódio de genocídio neste fim de maio para Lula transferir oficialmente o embaixador brasileiro de Israel para a Suíça. Um gesto desacompanhado de explicações. Portanto, que mantém relações diplomáticas e econômicas entre Brasil e Israel. Isso acontece por causa da natureza de seu governo, comprometido com os capitalistas, que inclui aí a ala sionista da burguesia e de seus negócios.

Na época de Hitler, toda a “comunidade internacional” ficava apreensiva a cada movimento audacioso da Alemanha nazista. Mas consideravam melhor deixar os nazistas em paz para promover suas barbaridades internas, se isso satisfizesse seu apetite e permitisse a cada governo (incluindo o soviético) continuar gerenciando seus negócios.

Nos dias de hoje, a história se repete com o Estado de Israel. Os capitalistas são ainda mais cúmplices porque foi a própria ONU que autorizou sua criação e deu início ao

“al-Nakba” (“Catástrofe”) do povo palestino. Toda tentativa de resolver a situação sobre bases capitalistas apenas agravou essas contradições. Esse foi o caso dos Acordos de Oslo de 1993 e sua solução dos dois estados. Essa propõe um Estado ultramilitarizado, teocrático, racista e que funciona como agência do imperialismo de um lado e um Estado fantoche palestino do outro.

Trata-se, portanto, de uma ilusão ou crime consciente nutrir qualquer esperança de solução vinda dos capitalistas. Os comunistas precisam explicar para os trabalhadores que a única forma de interromper o genocídio dos palestinos são os próprios trabalhadores se moverem em ações de solidariedade. Essa é a única forma de pressionar os governos de cada país cúmplice ou condescendente a isolar e retirar as mãos dos sionistas de sobre os palestinos.

A traição dos estalinistas e socialdemocratas à tarefa de unir o movimento operário contra Hitler, Franco e Mussolini levou à barbárie e ao sacrifício de milhões no altar da guerra capitalista. Tanto na época do bombardeio de Guernica quanto hoje falta uma verdadeira organização internacional que os trabalhadores possam usar contra os capitalistas de todos os países e de cada país em particular.

Os mais de 100 acampamentos em universidades pelo mundo indicam esse rumo internacional da luta para interromper o genocídio do Estado de Israel contra os palestinos. O movimento operário precisa seguir o exemplo da juventude e se mobilizar em escala mundial no mesmo sentido. Os comunistas da Internacional Comunista Revolucionária estão ajudando a fazer esse debate e a estimular ações do tipo em cada lugar do Brasil e do mundo onde atuam.





Recém-fundado Partido Comunista Revolucionário já causa agitação na Grã-Bretanha

LUIZ BICALHO

O imperialismo britânico há muito, desde a 1ª Guerra Mundial (1914-1918), perdeu a hegemonia mundial para os EUA. A 2ª Guerra (1939-1945) e seus resultados só consolidaram este caminhar ladeira abaixo. As colônias foram quase todas perdidas e só sobraram algumas poucas, como as Ilhas Malvinas.

Nesse período, o partido que historicamente representava a classe operária, o Partido Trabalhista, transformou-se em um “partido das reformas”. De “oposição leal ao governo de Sua Majestade” avançou para ser quem administra a aplicação de todas as políticas burguesas, sem nenhuma “reforma” em contrapartida.

A juventude e setores da classe operária tentaram modificá-lo, na breve inflexão à esquerda com Jeremy Corbyn, mas fracassaram em seu intento pela falta de uma verdadeira política socialista por parte do mesmo Corbyn.

O atual líder dos trabalhistas, Keir Starmer, declarou recentemente que modificou completamente o partido para a “nova situação política”. E qual

é a nova situação política? Aumento da miséria, destruição dos serviços públicos, particularmente da saúde pública que foi modelo por anos e implantada pelos trabalhistas, apoio irrestrito ao massacre de Israel contra os palestinos e doação de armas para a Ucrânia na guerra atual.

Frente a essa situação, os camaradas britânicos da CMI tiveram um verdadeiro salto nos seus quadros quando a campanha “Você é Comunista” completa quase um ano: um aumento de mais de 100% nas adesões desde o lançamento no ano passado. Nesta situação, os comunistas decidiram lançar-se como um partido político e estabelecer metas ousadas de crescimento e de implantação dentro da classe operária.

A intervenção do Partido Comunista Revolucionário (RCP, na sigla em inglês) durante as manifestações contra o massacre dos palestinos fez com que o partido fosse atacado pelos diversos órgãos da imprensa burguesa. Isso também resultou que uma das dirigentes fosse entrevistada com uma deputada conservadora na TV aberta. A entrevista e a

repercussão podem ser conferidas no QR Code desta página.

O Congresso de fundação do RCP, realizado no início de maio, contou com a participação de 600 militantes e decidiu manter a campanha de “Você é Comunista? Junte-se ao RCP!” ao lado da intervenção nos acampamentos e em todas as formas de lutas contra o massacre na Faixa de Gaza. Além disso, os camaradas estabeleceram um objetivo de até o ano que vem transformar o órgão público do partido (“O Comunista”) em um jornal semanal.

A visibilidade que ganhou a camarada Fiona Lali pelo debate contra a deputada conservadora levou ao Comitê Central do RCP a apresentá-la como candidata no seu distrito eleitoral (na Inglaterra, a eleição se dá por distritos e elege-se um deputado por distrito). O novo partido, reconhecendo que suas forças ainda são limitadas, não lançará candidatos em outras localidades, mas apoiará candidatos que se coloquem contra a austeridade e contra a guerra.

O Comitê Central do RCP avalia que a candidatura de Fiona, nas condições atuais que o partido começa a se construir servirá, antes de tudo, para ajudar a tornar mais público o programa e o próprio partido. Mas considera também que as chances de eleição hoje de um candidato comunista são quase que zero. Ou seja, há uma consciência do trabalho que está sendo feito num terreno que é o terreno da classe inimiga, qual seja, o das eleições burguesas.

Os comunistas brasileiros, organizados na OCI, estão atentos à luta dos camaradas britânicos e aprendendo inclusive com eles. Afinal, nós aqui também estamos trabalhando com a campanha “Você é Comunista” e tivemos um aumento de quase 100% em nossos quadros desde o início da campanha em agosto do ano passado.

Saudamos o lançamento do RCP britânico!

Rumo à construção de uma verdadeira Internacional Comunista!

Operários do mundo inteiro, uni-vos!



CONTINUE LENDO

Grã-Bretanha: os comunistas na ofensiva contra os sionistas

O que é um partido?

RENNAN VALERIANO

Onde quer que um grupo de indivíduos se reúna e lute por interesses comuns — em geral, interesses de classe —, há, no sentido amplo, um partido. Porém, a ideia moderna de partido surge a partir dos processos de revoluções burguesas da Era Moderna. Os *Tories* e *Whigs*, da Revolução Gloriosa (1689); o Partido Republicano e o Partido Federalista de Thomas Jefferson e Alexander Hamilton, na Convenção da Filadélfia (1787), nos EUA; o Partido Jacobino e o Partido Girondino da Grande Revolução Francesa (1789-99).

A evolução das formas e estruturas organizativas dos partidos políticos foi impulsionada pela Revolução Industrial, que criava em escala cada vez maior uma classe de homens altamente disciplinados e com maior capacidade de organização e que dispunha de uma autêntica consciência coletiva das condições de vida e trabalho — o proletariado. As condições de miséria e exploração a que eram submetidos impunha a esses trabalhadores a necessidade de se organizarem para lutarem por suas reivindicações próprias e imediatas, inicialmente de caráter econômico, como a luta pela redução da jornada de trabalho, melhores salários e fim do trabalho infantil. Nesse processo, eles se confrontaram diretamente com a moderna classe burguesa, detentora das fábricas na qual os operários eram explorados.

Uma luta entre duas grandes classes sociais torna-se, necessariamente, uma luta política, cujo objetivo é sempre o poder político. E na luta política de uma classe contra outra, a organização é a arma mais importante. A organização do proletariado em classe significa a organização em partido político, de maneira independente dos partidos e dos interesses da burguesia, isto é, o proletariado como classe *para si*.

Foi reconhecendo a importância e a necessidade da organização política dos trabalhadores para além da luta por seus interesses econômicos que Karl Marx e Friedrich Engels aderiram à organização intitulada Liga dos Justos. Por meio de uma luta interna, a transformaram em Liga Comunista, cujas atividades passaram a assumir, a partir de 1848, o caráter de movimento internacional, com o lançamento do célebre Manifesto do Partido Comunista. Após as derrotas do proletariado no processo das revoluções de 1848-49, na *Mensagem do Comitê Central à Liga dos Comunistas*, ambos escrevem que, “Em vez de rebaixar-se uma vez mais ao papel de coro que aplaude os democratas burgueses, os trabalhadores, sobretudo a Liga, devem tomar providências no sentido de criar, paralelamente aos democratas oficiais, **uma organização autônoma, secreta e pública do partido dos trabalhadores**, elegendo como centro e núcleo das associações operárias toda comunidade em que a posição e os interesses do proletariado



INDICAÇÃO DE LEITURA
O Partido
Bolchevique,
de Pierre Broué

sejam discutidos **independentemente das influências burguesas.**”

Lenin, compreendendo com maestria a importância que Marx e Engels deram à criação do partido, combateu os diversos círculos existentes na Rússia do começo do século XX. Como explica o historiador trotskista Pierre Broué, em sua obra “O Partido Bolchevique”, Lênin almejava “construir “construir um aparato central, um estado-maior das lutas operárias em escala nacional, rompendo os particularismos locais e o isolamento tradicional e formado por quadros que tenham uma visão de conjunto dessas lutas.” Em menos de três décadas de construção, o Partido Bolchevique de Lenin e Trotsky foi capaz de cumprir com a sua tarefa histórica, a de ser a direção revolucionária numa situação em que as massas intervieram diretamente no curso dos acontecimentos.

É isso que, para os comunistas, é o partido: uma organização de combate da classe trabalhadora, que expressa conscientemente o movimento inconsciente das massas, atuando como sua direção e servindo, portanto, como instrumento de emancipação social não apenas da classe trabalhadora, mas da humanidade como um todo. Para os comunistas, não se trata de nem mais nem menos do que transformar a consciência espontânea do proletariado em consciência comunista. A História demonstrou a validade e a necessidade desse instrumento para o proletariado e a juventude. Então, mãos à obra, camaradas!

A assembleia constituinte como arena aberta para os trabalhadores colombianos

EDEGARDO FREITAS

Desde 2021 – da greve nacional que freou a reforma tributária do governo Duque até as mobilizações sob o primeiro governo de esquerda da Colômbia, de Gustavo Petro – os trabalhadores colombianos têm demonstrado nas ruas a sua disposição de luta. A recente proposta de assembleia constituinte do governo Petro é resultado da batalha permanente dos trabalhadores por reformas profundas e elementares do capitalismo colombiano. Tais propostas encontraram eco no programa da coalizão do “Pacto Histórico”, que agora se vê obrigado a avançar contra os interesses da burguesia.

A estreita vitória de Petro em 2022 foi fruto da mobilização dos trabalhadores que o elegeram com dois objetivos muito claros: derrotar o demagogo de extrema direita, Rodolfo Hernandez, e conquistar direitos históricos, como as reformas agrária, do sistema de saúde e da legislação trabalhista.

Ainda que setores da burguesia tenham apoiado a eleição de Petro, não significa que tenham acordo com o seu programa. Aliás, eles foram obrigados a conceder este apoio porque admitiram, de um lado, que não dispunham de um candidato seguro o suficiente para levar o seu programa adiante; e de outro, que era necessário dar vazão à pressão dos trabalhadores, na esperança de disciplinar através das instituições burguesas as bandeiras levantadas nas ruas pelas massas.

As reformas que os trabalhadores têm reivin-

dicado, apesar de terem sido implementadas nos países imperialistas ainda na aurora do capitalismo, tornam-se palavras de ordem revolucionárias para países de economia dominada como a Colômbia. Para esta burguesia, estreitamente determinada pela dominação imperialista, admitir tais reformas significaria extinguir as condições que lhe permite vegetar no capitalismo mundial, e assim romper o elo que sustenta o capitalismo no seu país. Por esta razão, a burguesia tem imposto todo tipo de obstáculo institucional às propostas de reforma.

O que se coloca para o governo reformista de Petro, pressionado pelas massas de um lado, e pela burguesia de outro, encontrar uma saída para tentar conciliar as forças em oposição. A proposta de assembleia constituinte tem um duplo caráter: de um lado modernizar o Estado burguês e de outro implementar as reformas reivindicadas pelas massas. Em ambos os casos, o governo Petro está forçadamente se posicionando contra os interesses da

burguesia, que não suporta nenhum tipo de concessão.

Aos olhos dos trabalhadores, a trajetória recente da luta de classes é um exemplo completo, não apenas das limitações do regime burguês e das suas instituições, mas especialmente do fato de que as tarefas democráticas, transitórias e revolucionárias ocupam um mesmo tempo histórico. As reivindicações mínimas das massas têm se chocado contra a estrutura do capitalismo colombiano atrasado, colocando em questão as bases do regime burguês.

Assim como as massas perceberam que apenas as eleições não foram a garantia de uma conquista imediata, e que até aqui as instituições burguesas foram apenas um entrave aos seus interesses, elas poderão sacar as mesmas conclusões sobre a assembleia constituinte. De modo algum isso significaria uma desmoralização para os trabalhadores, tampouco trataria de uma luta perdida. Pelo contrário, a batalha pela constituinte é, como foram as anteriores, uma arena aberta para os trabalhadores colocarem a burguesia e os seus defensores contra a parede e, o mais importante, forjarem o elemento subjetivo capaz de superar os reformistas a partir de um programa de classe independente.

A determinação das massas colombianas fez avançar as suas reivindicações muito além do que desejavam os reformistas. A constituinte é mais uma oportunidade de os trabalhadores mobilizarem toda a confiança conquistada nas suas próprias forças e fazerem avançar o movimento em uma perspectiva revolucionária.



As greves do setor automotivo dos EUA e o receio da burguesia americana

RAFAEL PRATA

Os trabalhadores do setor automotivo nos EUA estão, há décadas, perdendo poder de compra dos salários em relação à inflação e sentindo suas condições de trabalho piorarem. Por exemplo, uma cláusula que previa reajuste automático baseado na inflação (COLA, em inglês) foi extinta em 2009.

Além disso, as empresas dividiram os operários em trabalhadores temporários, trabalhadores contratados pós-2007 (US\$16 a US\$19 por hora) e trabalhadores de primeiro escalão (US\$28 por hora). Isso sem falar nos cortes nos fundos de pensão e no fechamento de dezenas de unidades e milhares de postos de trabalho.

Tudo isso sem nenhuma reação séria por parte do sindicato, o UAW. Porém, fruto da insatisfação que existe na base, em particular, da nova geração que está se incorporando ao mercado de trabalho, foi eleita uma nova chapa para o UAW no ano passado.

A nova liderança tinha a tarefa de renovar os contratos de trabalho que

venceriam em setembro de 2023. Em agosto, no entanto, o presidente da entidade, Shawn Fain, jogou a proposta patronal na lata do lixo e prometeu mobilização.

Greves alternadas por local de trabalho

A nova liderança sindical fez alusões à história combativa do UAW. Dela fazem parte os métodos e tradições das greves dos anos 30, que foram marcados por interrupção da produção, piquetes de massa e até mesmo ocupações de fábricas.

Apesar disso, Fain implementou uma tática de greves alternadas por local de trabalho e limitada às unidades sindicalizadas das três grandes montadoras.

Assim, os dirigentes sindicais organizavam a greve em duas ou três fábricas por alguns dias e depois iam embora. Os trabalhadores voltavam ao trabalho e os piquetes iam para

outras unidades, num sistema de rodízio.

Essa tática está longe de expressar todo o potencial de luta dos operários do setor automotivo dos EUA e isso se comprova no acordo que foi assinado com as montadoras. Reajuste salarial de 25% dividido em quatro anos e um bônus de US\$ 5 mil. A divisão por níveis salariais diminuiu um pouco, mas continua, e a cláusula COLA não foi reconquistada na íntegra.

Manobras da burguesia

Mesmo esse movimento limitado, no entanto, gerou bastante preocupação na classe dominante americana. Os políticos e estrategistas do capital mais conscientes sabem que a temperatura da

luta de classes está subindo e que precisam contê-la.

Por isso que o presidente Joe Biden chegou a comparecer a um piquete para discursar cinicamente para os operários. Os Democratas precisam demonstrar que estão ao lado dos trabalhadores, pois as eleições presidenciais desse ano serão acirradas. Já Donald Trump, dos Republicanos, declarou que defende os empregos para os operários americanos, mas que as greves forçam as empresas a saírem dos EUA, instigando, assim, os trabalhadores a abandonarem seu movimento.

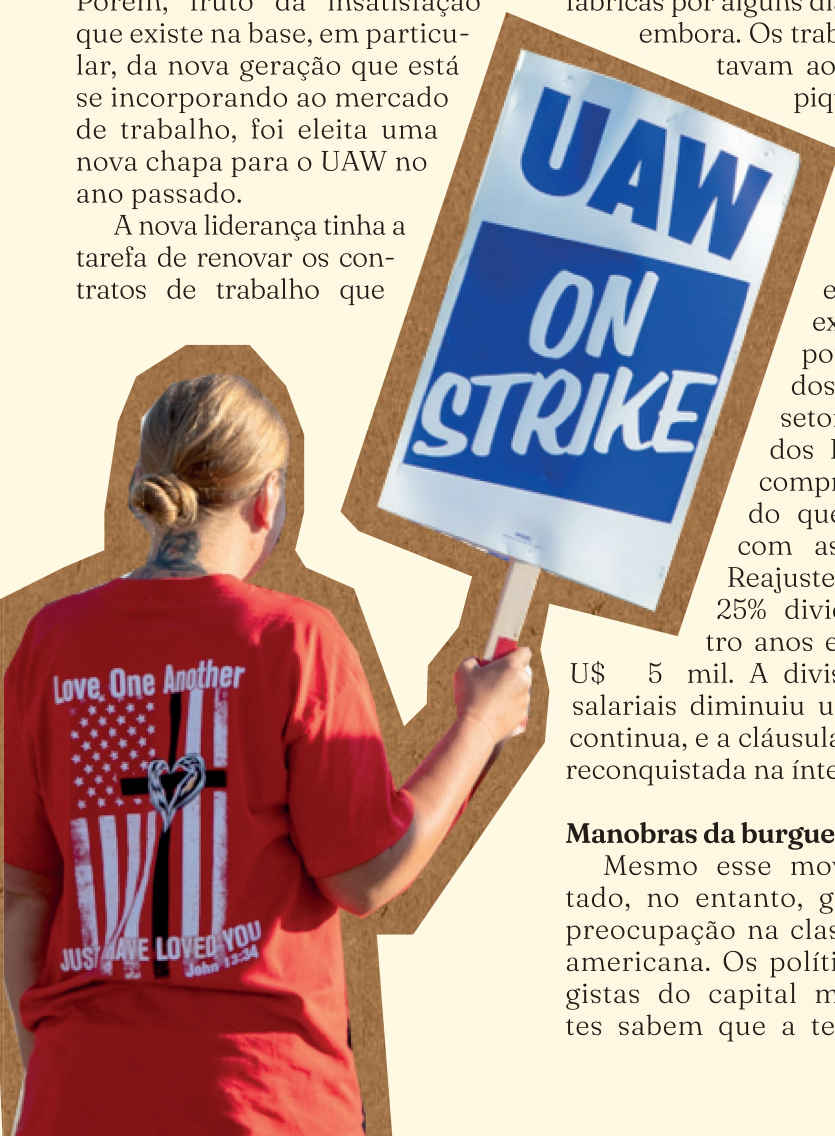
Além disso, tendo em vista a agitação que a greve da UAW causou entre os operários automotivos de todo o país, outras empresas adiantaram-se e anunciaram reajustes salariais.

Isso demonstra que a burguesia imperialista tinha medo de que uma mobilização independente dos operários pudesse ultrapassar os limites estabelecidos pela direção sindical e questionar o poder das grandes montadoras, interrompendo a produção nesse setor tão importante para o capitalismo americano.

Tais preocupações eram reais. Na votação que definiu pela greve, 97% dos operários declararam-se a favor. Além disso, uma pesquisa mostrou que 3, de cada 4 americanos, apoiavam a greve da UAW.

Portanto, o que faltou para os operários avançarem foi uma direção mais ousada e consciente de seu papel na luta de classes. Os trabalhadores fizeram a experiência com essa tática de luta limitada e vão chegar às suas próprias conclusões.

Só a mobilização geral e unitária de todos os trabalhadores automotivos, de todas as montadoras do país, será capaz de arrancar conquistas. É preciso ajudar a classe trabalhadora a fazer sua experiência, tirar suas conclusões políticas e estabelecer uma direção que permita aos trabalhadores fazer sua força valer na sociedade.



A teoria como guia para a ação revolucionária: a construção da Escola Mundial do Comunismo

LUCY DIAS

A Escola Mundial do Comunismo, evento que lançará a Internacional Comunista Revolucionária (ICR), será realizada de 10 a 15 de junho, e tem mobilizado comunistas no mundo inteiro. O manifesto da ICR já teve mais de 20 mil acessos desde sua publicação e há mais de 4220 inscrições em cerca de 110 países!

Além de dar um passo na direção da reconstrução de uma Internacional Comunista de massas digna desse nome, o evento dá uma enorme atenção à teoria revolucionária. São 18 sessões sobre diferentes assuntos abordados segundo o marxismo. A lista completa com a programação de todas as discussões pode ser conferida no QR Code. Nossos camaradas e apoiadores estão se organizando para traduzir todas as sessões para o português.

Todas as células da Organização Comunista Internacionalista (OCI), seção brasileira da futura Internacional Comunista Revolucionária, estão envolvidas nas atividades preparatórias de divulgação, colando cartazes que chamam os comunistas a fundarem a ICR. Ao mesmo tempo, estão também envolvidas nas atividades preparatórias de formação, escolhendo pelo menos um dos temas das palestras para leitura e discussão entre camaradas e apoiadores. Ao escolher os temas para a discussão, é evidente o compromisso das células e dos camaradas de utilizarem a teoria como um guia para a ação prática.

Uma atitude prática intransigente contra a ordem vigente, contra o sistema capitalista e contra o imperialismo pressupõe uma intransigência revolucionária também em relação à teoria. O compromisso de aprender com as lições do passado, de aplicar o pensamento racional a serviço da libertação de todos os oprimidos é uma das mais altas qualidades de todo o comunista sério.

Lembremos de como Lênin compreendia a questão. Ele explicou em sua obra “O que fazer?” que uma atitude séria em relação à teoria era fundamental para todo comunista porque “Sem teoria revolucionária não pode haver movimento revolucionário”.

Nós não estudamos teoria e história porque queremos ser mais intelectuais. Nós estudamos teoria porque entendemos que ela é necessária para

transformar o mundo. Nós estudamos teoria para colocá-la em prática na luta pela tomada do poder político e econômico. Você também quer mudar o mundo? Então se inscreva na Escola Mundial do Comunismo e assista ao evento com milhares de comunistas de cerca de 110 países.

Confira como algumas das células da OCI estão se preparando para a Escola Mundial do Comunismo:

“Além de a Universidade ser um forte reduto pequeno burguês, cheio de políticas identitárias, o curso de Letras (no qual atuamos) é majoritariamente feminino. Os partidos se utilizam desse fato para construir em mulheres, por isso é preciso estar munido dessa discussão para construir no curso.” – Célula Letras da USP. Tema escolhido: A luta contra a opressão

“Demonstrar como a luta estudantil e brasileira (falta de recursos para a educação, lógica de austeridade, novo teto de gastos, NEM etc.) poderia ser entrelaçada de forma umbilical com a luta palestina através de um mesmo fio condutor: a ação do capitalismo no seu estágio imperialista como sistema mundial que unifica a exploração e a opressão da classe trabalhadora do mundo inteiro, justificando a solidariedade com a questão palestina para além de uma solidariedade abstrata. Pensamos então que entender a dialética da luta nacional com a internacional nos ajudaria a construir essa luta aqui pela região.” – Célula MG. Tema escolhido: Comunistas e a questão nacional

“Muitos militantes jovens escolheram esse tema porque conhecem muito pouco sobre a história da Revolução Russa e querem entender melhor como foi a experiência de tomada do poder político e econômico pelos trabalhadores.” – Célula do Espírito Santo. Tema escolhido: A Revolução Russa

“Devido à demanda de militantes e apoiadores sobre a discussão dos fenômenos de extrema-direita como bolsonarismo, trumpismo etc.” – Célula Universidades Públicas de Joinville-SC. Tema escolhido: O

que é populismo de direita?



INSCREVA-SE!

Confira a programação completa da Escola Mundial do Comunismo e preencha o formulário de inscrição

